

Uma história de terror sindical

ERAM cinco horas da manhã e o dia ainda vinha longe, mas Joe Hooper e sua mulher estavam tomando café na cozinha de sua casa em Lake Charles, Louisiana. Depois de ter procurado emprego durante mais de um ano, Hooper, de 26 anos, tinha finalmente encontrado trabalho numa empresa que estava construindo uma nova fábrica de produtos quím-

Uma história dramática
de violência sindical
e corrupção política...
e de honestos cidadãos
que acabaram rebelando-se
contra aquele
estado de coisas

KENNETH Y. TOMLINSON



nicos. Esse dia, 15 de janeiro de 1976, iria ser seu primeiro dia de trabalho.

Para Hooper, o emprego representava um recomeço. Ele prometeu a sua mulher que mudaria breve para uma casa nova, talvez para o campo, onde seus dois filhos teriam espaço para brincar. Ocorreu a Ina Hooper que fazia tempo que não falavam do futuro com tantas esperanças.

Às sete horas, Hooper estava preenchendo a papelada do emprego num dos dois *trailers* que serviam de escritório no local de construção da Jupiter Chemical Company quando, de súbito, ouviu um forte ruído vindo de fora. Por uma janela, viu um ajuntamento de homens (mais tarde estimado em 150) atacando o *trailer* protegidos atrás de um enorme monta-cargas.

«Venham para cá!» gritou alguém, e Hooper correu com dois outros homens para a parte de trás do *trailer*. O monta-cargas bateu com grande estrondo e seus braços de ferro abriram um enorme buraco no lado do *trailer*. Seguiu-se cerrado tiroteio. «Estão atirando em mim! Atirando em mim!» gritou Joe Hooper. Momentos após, morria.

Pouco depois das oito horas, quando o dono da Jupiter, Bob Kerley, chegou, o local da construção estava coberto de cartuchos usados, correntes, machados e tubos. Poças de sangue marcavam o local onde Hooper e outro trabalhador, ferido, tinham ficado estendidos. Só por milagre não morreu mais gente.

Depois de falar com os trabalhadores, Kerley foi à delegacia. Já sabia que as autoridades estaduais e locais tinham recusado ajuda durante o ataque. Certamente, agora o xerife mandaria uma força de proteção para o local. Nada disso; ele «estava ocupado» e seu assessor recusou-lhe essa proteção.

Logo que este chegara a Lake Charles, quase um ano antes, encontrara a cidade submersa numa incrível corrupção. Muita gente da comunidade industrial dali já havia há muito sucumbido às exigências dos líderes sindicais do lugar, pagando-lhes e entregando-lhes parte dos seus subsídios, para terem paz em seus trabalhos. Kerley havia recusado entrar em tal jogo. Agora havia um rapaz morto, enquanto ele próprio tinha de enfrentar a ruína econômica. Ao sair abatido da repartição do xerife, perguntava a si mesmo se agira corretamente.

«É melhor pagar.» Engenheiro químico e homem de negócios que subira à sua própria custa, Kerley, que vivia em Phoenix, Arizona, viera a Lake Charles atraído pela grande quantidade de gás natural que existia naquela zona. Preocupado com os resultados sobre tensões entre trabalhadores e patrões, recorrera a serviços de consultoria industrial, para saber da melhor maneira de levar a cabo sua obra. Disseram-lhe que poderia ficar descansado que não ia haver quaisquer problemas com os sindicatos de construção civil... contanto que comparecesse com 30 mil dóla-

res batidos. «É melhor pagar», avisaram-no, «senão não vai conseguir construir a fábrica nunca.»

Kerley jamais trabalhara daquele modo, e não estava disposto a fazê-lo agora. Recusou a exigência de pagamento e fez um contrato com três pequenas firmas de construção de Lake Charles – todas elas com pessoal afiliado à AFL-CIO (Federação Americana do Trabalho e Congresso Trabalhista das Organizações Industriais) – para que comessem a trabalhar na obra.

Em meados de julho de 1975, ele foi procurado por um grupo de funcionários do sindicato, que ameaçaram fazer parar a construção. Foi então chamado à parte por Donald Lovett, presidente da Construtora Southwest Louisiana, afiliada à AFL-CIO, e do Conselho Sindical da Construção, além de chefe do Sindicato de Construção em Lake Charles. «Agora, você tem um amigo», disse Lovett. «Um amigo que pode ajudá-lo.»

O «amigo» não era outro senão Frank Salter, promotor da corte local e co-proprietário de uma empresa de construção dali. Lovett deixou bem claro que, uma vez contratada a firma de Salter, não haveria complicações. Kerley protestou, pois o preço que a firma pedia para o trabalho era exageradamente alto. O tom de Lovett endureceu. «Aconselho-o muito a que vá procurá-lo.» Para ver-se livre de Lovett, Kerley concordou em ir.

No gabinete da procuradoria, Salter, homem esbelto, de pouco

mais de 50 anos, pressionou o que pôde para conseguir o contrato. «Há problemas sindicais nesta área», disse ele, «mas eu estou em muito boas relações com os agentes dos sindicatos. Eles têm interesse em que eu seja bem sucedido.»

Para Kerley, contudo, nada havia a fazer com a firma de construção do promotor.

Arrebentem com tudo aquilo!

Nas semanas que se seguiram, Kerley soube qual era o preço por ter rejeitado Lovett e Salter. Por meio de constantes ameaças de greve, os funcionários do sindicato forçaram os empreiteiros de Kerley a aceitar equipes de trabalho que excediam de muito os efetivos normais. O custo para descarregar uma barçaça, por exemplo, que não devia passar de quatro mil dólares, subiu para 15.500 por causa do pessoal em excesso e completamente desnecessário, mas que teve de ser aceito. Em breve, Kerley percebeu que as «regras de trabalho» impostas por Lovett levariam a sua empresa à falência; caso contrário, teria de pagar a Lovett ou encontrar outra forma de construir a fábrica.

Rejeitando a possibilidade de pagar tributo, Kerley contatou a Local 102, agência da Federação Americana dos Sindicatos (AFU), que era uma organização incipiente, constituída por trabalhadores, como Joe Hooper, a quem não se tinha permitido ingressar no circuito muito limitado da AFL-CIO. Um empreiteiro amigo preveniu Kerley de que eles jamais deixariam que o sindicato

rival construísse a fábrica. Percebendo que Kerley não podia ser dissuadido, o amigo pediu-lhe que tirasse o filho, que estava empregado na obra, e saísse de Lake Charles. «Eles vão matá-lo», preveniu.

Para Donald Lovett, a recusa de Kerley em ceder representava uma ameaça que, deixada sem vingança, poderia estender-se a outros elementos nos círculos industriais de Lake Charles. Espalhou, então, que era preciso fazer parar os trabalhadores da AFU. «Não deixe nada de pé», ordenou ao homem que iria com o monta-cargas para a obra da Jupiter. «Arrebentem com aquela droga toda!»

No princípio da manhã do ataque, os líderes do sindicato lançaram avisos em toda a área de Lake Charles, mandando concentrar os associados no local da Jupiter, logo antes do amanhecer. A alguns deles, escolhidos, foi transmitida outra mensagem: «Levem armas de fogo.»

Joe Hooper tinha prometido a sua mulher que não entraria no local da Jupiter se houvesse piquetes à porta... mas não havia piquetes. De fato, os homens, estimados nuns 200 e reunidos próximo do local da obra, tinham instruções para não impedirem a entrada do pessoal. Os líderes do sindicato queriam que houvesse gente trabalhando quando seus homens entrassem em ação.

O xerife Henry Reid, que tinha recebido forte apoio da organização de Lovett em sua recente campanha

para reeleição, foi prevenido da possibilidade de desordens. Seu gabinete recebeu várias informações de que um grupo de homens se estava juntando perto do local da Jupiter, mas ele não enviou para lá nenhuma força policial. Quando começou o ataque, Bob Kerley Jr. fugiu do local, galgando uma cerca de dois metros e meio e escapando dos asseclas do sindicato em direção a uma fábrica vizinha. Telefonou para o gabinete do xerife. «A gente sabe que há problemas lá», disse um despachante, e desligou.

«**A maior das corrupções.**» O assassinio de Joe Hooper daria pano para mangas. Nessa tarde, o jornal *American Press*, de Lake Charles, relatava o ataque com todos os seus pormenores e, o que era mais importante, lançava uma campanha para que fossem desmascarados os responsáveis. Pouco depois, um dos principais clérigos da cidade surpreendeu seus fiéis: «A maior das corrupções não é a indiferença latente da indústria, não é a implacável cupidez dos sindicatos, não é a capitulação das autoridades a esse tipo de pressões: é a maneira como vocês e eu voltamos a cabeça e fingimos desconhecer o que se está passando na nossa comunidade.»

Os cidadãos decentes de Lake Charles decidiram não mais ignorar a situação. O presidente da Câmara de Comércio, David Reinauer, convocou um grupo de profissionais liberais e de homens de negócios, que decidiram travar batalha até o câncer ser extirpado.

Lovett e seu bando contra-atacaram. As mulheres dos membros da AFL-CIO organizaram um boicote aos comerciantes que participassem da campanha em prol da investigação sobre os acontecimentos da Jupiter, e passaram a montar piquetes em frente da redação do jornal. Os anunciantes foram hostilizados e os membros do sindicato incitados a cancelar as assinaturas. Os dirigentes da cruzada e suas famílias começaram a ser ameaçados de violência física.

Mas nem mesmo Frank Salter pôde ignorar o clamor público. Teve de organizar uma investigação para abertura de processo, a que se juntaram representantes do gabinete do procurador-geral do estado. O procurador federal designado para a área oeste da Luisiana mandou uma comissão de investigação a Lake Charles, e a repartição do xerife abriu inquérito. Acusados de estarem envolvidos no caso da Jupiter encontravam-se Lovett, Harlem Duhon, vice-presidente da AFL-CIO estadual, e um agente sindical, além de 13 outros homens dos sindicatos.

As investigações também não pararam. De fato, o pedido para reforma das leis trabalhistas ecoou através do estado inteiro. Quando as sondagens mostraram que uma esmagadora maioria era favorável a uma legislação sobre o direito ao trabalho, aprovou-se um projeto de lei liberando qualquer um da obrigatoriedade de pertencer a um sindicato para poder empregar-se.

Novo clima. Enquanto isso, as hostes de Lovett tinham reunido um fundo especial para contratar um forte grupo de defesa. Em julho de 1976, quando o primeiro processo do estado contra um acusado da Jupiter suscitou do júri um veredicto de não culpado, uma onda de choque varreu Lake Charles. Com Salter encarregando-se da acusação, como poderia alguém realmente provar a culpabilidade do seu velho amigo Donald Lovett?

Documentando a longa e discutível ligação entre o promotor da corte local e o líder do sindicato, os dirigentes da Câmara de Comércio apelaram para o procurador-geral da Luisiana, William Guste, a fim de que Salter fosse afastado da acusação a Lovett, mas Guste, que ansiava vir a ser um dia governador, não estava disposto a melindrar um promotor politicamente influente, e recusou-se a afastá-lo do caso.

Os reformadores de Lake Charles, no entanto, não desistiriam. O advogado James Cox conseguiu um meio de levar o caso aos tribunais. Representando a mulher de Joe Hooper, entrou com um requerimento pedindo que Salter fosse retirado da acusação a Lovett.

Salter e alguns funcionários do gabinete do procurador-geral foram até o Supremo Tribunal do estado, numa tentativa de impedir o andamento do processo, mas Cox conseguiu que fosse reconhecido o direito de o caso ir avante, e Salter acabou sendo afastado. Por fim, Guste viu-se pressionado a entregar

o caso a Michael Fawer, jurisconsulto muito respeitado em Nova Orleans, que havia sido nomeado promotor especial pelo gabinete do procurador-geral.

Quando se iniciou o julgamento a 24 de janeiro de 1977, dois dos autores do ataque à Jupiter, um deles o operador do monta-cargas, falaram das ordens de Lovett para arrasarem tudo, matando inclusive o empreiteiro, que, felizmente, não estava lá naquela manhã. Sob intenso interrogatório, Fawer referiu-se em particular aos líderes sindicais que procuraram descrever Lovett como um homem de bem. «A violência no trabalho é como um câncer», disse Fawer ao júri, em sua intervenção. «Atentem para este fato: aqui neste julgamento há gente da mesma espécie que Donald Lovett, observando, só para ver se nós deixamos que alguma coisa passe em brancas nuvens.»

No dia 26 de janeiro, o júri pronunciou o veredicto de «culpado da acusação». Lovett foi condenado à pena máxima de 22 anos e meio.

Quanto a Lovett e Duhon, foram declarados culpados de extorsão, e Fawer concordou em instaurar processo contra os outros acusados, mas a campanha de limpeza da comunidade ainda está longe de acabar. Há fortes razões para suspeitar de que outro importante líder da AFL-CIO esteve profundamente envolvido nos numerosos atos de violência operária no Sudoeste da Louisiana. Embora o xerife tenha sido acusado de má conduta no caso da Jupiter, continua em seu cargo. O mesmo acontece com Salter, cuja ligação com Lovett ainda tem de ser plenamente provada; mas os que desencadearam o combate à corrupção juraram continuar na luta.

A fábrica Jupiter hoje está em pleno funcionamento. Terá acabado o reino de terror no setor sindical de Lake Charles? Bob Kerley hesita antes de responder a esta pergunta. «Ainda há muito que fazer», disse ele, «mas o novo clima de relações entre os cidadãos torna difícil qualquer tentativa dos que queiram seguir na tradição de Lovett.»



EM SEU livro *A Verdade sobre o Golfe e Outras Mentiras*, o comediante norte-americano Buddy Hackett afirma: «O 14.º buraco do Clube de Golfe El Caballero, em Tarzana, Califórnia, ficava numa área muito traiçoeira, pantanosa e densamente arborizada, e é claro que minha bola foi cair precisamente ali. Quando comecei a procurá-la, meu ajudante disse: 'Tire um taco.'»

«'Como é que eu vou saber qual é o taco certo sem ver o tipo de terreno onde está a bola?'»

«'Não interessa', explicou. 'É por causa das cobras.'»